svenimento (cf. ant. lomb. *smenaven* e vedine *Laut. dei Batt.*, p. 93). Questo verbo compare almeno in cinque passi di Bonvesin (*Bericht d. Berl. Akad.*, 1850, p. 330: *e a lu' no smenaven*; p. 458: *trop gh' è smenavenudho*; a. 1851, p. 11: *e s' el me smenaven*, p. 12: *a mi no smenaven*, id.: *sovenzo te smenaven*). Notevole è la costruzione impersonale di questo verbo: *se le dicte me fiolle smenovignisse de tute do* e più oltre: *se del dicto Jachomin smenovignisse.*

Quanto al lessico, noterò *agoim*,[1] che altro non è che l' „aquilino", nota moneta usata in Modena nel. sec. XIV. E aggiungerò: *ma de fine che* (finchè); *apartorire di* e *staçon* col senso ben chiaro e ben noto di „bottega". Giulio Bertoni.

Brasileirismos e crioulismos.

Sempre pareceu-me estranha a facilidade com que até os mais prudentes dentre os glottologos admittem, e ás vezes affirmam, que tal lingua ou dialecto experimentou a influencia de tal idioma estrangeiro, dispensando-se de demonstrar esta these, que por si só não é nada evidente. Com effeito, meditemos um instante sobre — quantas circumstancias precisam concorrer para que um modo de expressão estranho a um povo se torne popular entra elle. Não basta para isso que uns individuos, ou mesmo uma classe inteira de individuos, apaixonados pelo que vem de fióra, se apoderem da novidade: a massa da população, graças ao espirito de conservação, ao *misoneismo* que a caracteriza em toda a parte, repudia o que não está de accôrdo com a indole da sua linguagem. Exceptua-se o caso de ser introduzida de terra estranha uma coisa nova, que precisa de nova terminologia: é assim que vimos espalhar-se pelo Brasil o jogo do *foot-ball* com sua caterva de termos inglezes, e que no periodo da Renascença a multidão de ideias novas que necessitavam ser expressas abria o caminho á larga influencia que então exerceu o latim sobre o lexico e a syntaxe de quasi todas as linguas da Europa.

Nesses casos é a necessidade que actua; mas, a não ser ella, que motivos tão poderosos podem levar um povo a renunciar aos meios de expressão que lhe são habituaes, para adoptar o que offende os ouvidos de toda a gente quando aparece pela primeira vez? Eu pelo

[1] Abbiamo l' *-m* per *-n*, come in tanti altri esempi nel nostro testo (p. es. *sam del corpo, staçom*, ecc.). A maggior ragione, si ha l' *-m* in *bem*.

BDD-A22841 © 1911 Société Internationale de Dialectologie Romane
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 21:03:18 UTC)

menos não creio que, porque nas cidades do Brasil os que imitam os imitadores dos inglezes (que são os francezes) falam hoje em *"Ideal Club"*, *"Internacional Store"* e *"Paris Theatro"*, os caipiras, isto é os camponios, brasileiros cheguem a substituir o *"Govêrno Federal"* pelo *"Federal Govêrno"* ou a *"canna de assucar"* pela *"assucar canna"*.

E todavia, não ha nada mais commum do que ouvir dizer que tal locução ou tal syntaxe que era desconhecida, ou é reputada ser desconhecida, aos autores portuguezes dos seculos 16 e 17, foi devida a um gallicismo, sendo o unico argumento allegado o facto que essa locução ou syntaxe é tambem usual em francez. Argumento que por si só não vale nada, pois sabemos que os traços geraes da evolução de idiomas affins são em grande parte identicos, porque são hereditarios, — sem falarmos de certas tendencias communs a todas as linguas humanas, quer de selvagens quer de povos civilizados.

Seja-me licito mostrar em um exemplo a fallacia da argumentação que, de uma semelhança á primeira vista surprehendente entre duas linguas, conclue que uma dellas deve ter influido na outra. È sabido que o vocabulo *carácter* não conserva, na formação do plural, o accento tonico na mesma syllaba, fazendo *caractéres*; ora, quando attendermos a que em allemão se dá a mesmissima irregularidade, sendo o singular *Charákter* e o plural *Charáktére*, parece intuitivo que a analogia dos phenomenos só se explica, se ha entre elles a relação de causa e effeito. Comtudo é certo que essa anomalia morphologica nasceu em ambas as linguas sem mutua dependencia, visto que o singular e o plural conservaram meramente a accentuação latina, tendo-se os dois numeros introduzido isoladamente, e talvez em epocas diversas, nas linguas modernas, o que igualmente se infere dos seus significados, que não coincidem de todo no singular e no plural.

Outro exemplo: vemos que tanto no portuguez do Brasil como no crioulo da Guiné portugueza[1] o verbo impessoal *ha* (no sentido de *existe*) foi substituido por *tem*. Concluiremos dahi que uma particularidade das linguas africanas motivou esta substituição em uma e outra terra? Isso seria contrario á boa logica, quando sabemos que esta nova evolução semasiologica do verbo latino TENERE (= *ter*) é a consequencia coherente da anterior que registra a historia das linguas portugueza e castelhana. Com effeito, este verbo foi substituindo pouco a pouco o verbo HABERE (*haver*) em todas as suas accepções, as primitivas e as secundarias: primeiro como verbo transitivo, depois como auxiliar e finalmente como verbo impessoal. A primeira phase desta evolução

[1] Vide M. Márques de Barros, RL VI, 310, § 108 e 109.

BDD-A22841 © 1911 Société Internationale de Dialectologie Romane
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 21:03:18 UTC)

já fôra attingida na epoca dos mais antigos trovadores, á segunda não chegou ainda o hespanhol litterario, e a terceira só a observamos nos dialectos modernos: o que não admira, pois os dialectos sempre antecipam a evolução natural da lingua commum e litteraria, assim como elles por sua vez são precedidos na evolução pela linguagem individual e infantil.

Sejamos pois circumspectos, e pesemos bem as probabilidades antes de interpretarmos tal phenomeno particular ao dialecto brasileiro como feição de linguagem crioula, isto é, dum portuguez imperfeitamente aprendido pelos indios ou africanos. Não admira que neste dialecto não faltem os traços apparentemente crioulos, pois a tendencia geral de toda a evolução morphologica das linguas indo-germanicas, que é fazerem ellas prevalecer cada vez mais o caracter analytico sobre o synthetico, é igualmente uma das forças mais activas na formação de dialectos crioulos. Ousarei até affirmar que em qualquer uma das nossas linguas flexivas todo o "erro de grammatica" tem o seu analogo exacto num phenomeno linguistico de um dos falares crioulos.

Estas reflexões me foram suggeridas por certos passos de um excellente livro ha pouco publicado, as *'Palestras filológicas'* de A. R. Gonçálvez Viana.[1] É uma collecção de artigos, pela maior parte já anteriormente publicados em diversos periodicos, e que, graças ao raro criterio e profundo saber do autor, representam valiosas contribuições para a solução de variados e complexos problemas lexicologicos, syntacticos e outros. Porem, dito isso, devo confessar que nem sempre concordo com as opiniões por elle emittidas, assim como, particularmente, num capitulo (l. c., p. 131-135) que trata da collocação dos pronomes pessoaes no portuguez do Brasil: problema contestadissimo, e que mais que tudo separa os escritores das duas nacionalidades.

Gonçálvez Viana subordina a tres categorias os casos em que, neste ponto, o falar brasileiro diverge do de Portugal: "1º. Deslocação do pronome sujeito de orações interrogativas: — *Quando ele veio?* em vez de — *Quando veio ele?* 2º. Anteposição do pronome rejímen em orações enunciativas: — *Me diga, me diz,* em lugar de — *Diga-me, diz-me.* 3º. Posposição do pronome rejímen em orações de relativo: — *O homem que viu-me,* por — *O homem que me viu.*" "Essas construções sintácticas", continúa o autor, "não são nem foram nunca portuguesas; são crioulas, como crioulas são também as mais das particularidades de pronúncia brasileira que das de Portugal se afastam".

[1] Lisboa, A. M. Teixeira & C[ia.], 1910.

BDD-A22841 © 1911 Société Internationale de Dialectologie Romane
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 21:03:18 UTC)

"É assunto que merece detido estudo", diz elle proprio; e quer-me parecer que semelhante estudo não lhe dará plenamente razão. Quanto á sua classificação, convem observar que a primeira das tres categorias não abrange sómente os casos de collocação dos pronomes, sendo tambem usual no Brasil dizer-se, com um substantivo sujeito: — *Quando o homem veio aqui?* em lugar de — *Quando veio aqui o homem?* O segundo caso é certamente caracteristico do falar brasileiro, que não evita o emprêgo de um pronome pessoal atono no comêço do discurso; mas o terceiro caso é apenas um exemplo da liberdade maior de que gozam os brasileiros na construcção da phrase, visto que *O homem que me viu* não é menos usual do que *O homem que viu-me.* E, seja dito de passagem, é sobre tudo por esta liberdade que pugnam aquelles escritores brasileiros que se oppõem á legislação dos grammaticos de Portugal, o que parece-me ninguem deveria levar-lhes a mal.

Porem voltemos ao nosso assumpto principal. Será verdade que as mencionadas particularidades da syntaxe brasileira são outros tantos crioulismos? Eu creio que não, e parece-me até que o proprio Gonçálvez Viana refuta essa opinião quando diz (p. 132 e seg.): "Algumas dessas particularidades de sintasse encontram-se em outras línguas, lonje de influéncia crioula." Cita construcções italianas e esclavonicas, e lembra que tambem o portuguez de Portugal, á falta de pronome ou adverbio interrogativo, antepõe regularmente o sujeito ao verbo na phrase interrogativa. Ora, isso não foi sempre assim: no portuguez medieval prevalecia ainda a posposição do sujeito em taes casos. Eu cito uns exemplos dos seculos 14 e 15, que tiro da excellente *Chrestomathia archaica* de J. J. Nunes[1]: *És tu rei Ramiro? — Non sabedes vos que non a*[2] *omen que tanto saiba de adevinhar como eu?* Se hoje taes construcções são menos usadas, revela-se nisso a conhecida tendencia de fixar a ordem dos membros da oração e caracterizar o sujeito pelo lugar que occupa antes do verbo. A mesma tendencia verifica-se no francez moderno *Comment votre père va-t-il?* — e o falar brasileiro, que substituiu a phrase *Como está seu pai?* por *Como seu pai está?*, obedeceu ainda á mesma tendencia. Se esta tendencia é crioula, crioula será quasi toda a evolução syntactica dos modernos idiomas indo-germanicos.

O. Nobiling.

---

[1] = Liboa, Ferreira & Oliveira, 1906, p. 67 e 94.
[2] = *ha.*

BDD-A22841 © 1911 Société Internationale de Dialectologie Romane
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.216.58 (2026-11-16 21:03:18 UTC)